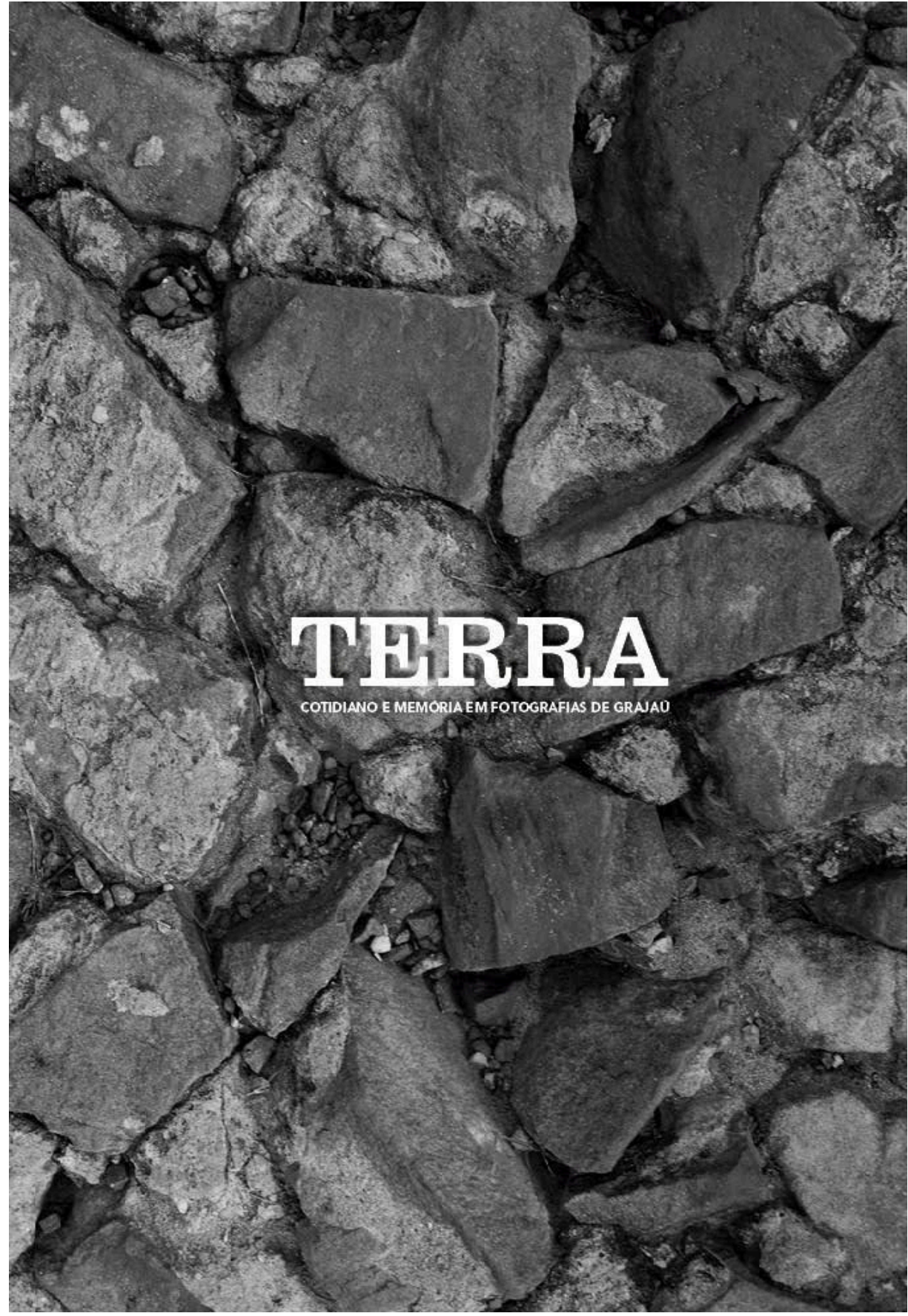




TERRA

COTIDIANO E MEMÓRIA EM FOTOGRAFIAS DE GRAJAU

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ (CCIM)

CURSO DE JORNALISMO

SAIURY LIMA DA SILVA

TERRA

Cotidiano e memória em fotografias de Grajaú

IMPERATRIZ

2025

TERRA

Cotidiano e memória em fotografias de Grajaú

Relatório técnico de trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em em Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz-MA.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos

IMPERATRIZ

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima da Silva, Saiury.

TERRA: COTIDIANO E MEMÓRIA EM FOTOGRAFIAS DE GRAJÁU /
Saiury Lima da Silva. - 2025.
34 p.

Orientador(a): Yara Medeiros dos Santos.

Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz-ma, 2025.

1. Fotografia Documental. 2. Fotolivro. 3. Memória
Visual. 4. Município de Grajaú. 5. Maranhão. I.
Medeiros dos Santos, Yara. II. Título.

TERRA

Cotidiano e memória em fotografias de Grajaú

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz-MA, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz-MA.

Orientador/a: Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos

Aprovado em: ____/_____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos (UFMA)
Presidente da Banca Examinadora

Profa. Me. Rosana Ferreira Barros (UFMA)
Examinadora 1

Profa. Dra. Nayane Rodrigues de Brito (UFMA)
Examinadora 2

IMPERATRIZ
2025

*Todas as minhas fotos correspondem a momentos
intensamente vividos por mim. Todas elas existem
porque a vida, a minha vida, me levou até elas.*

Sebastião Salgado

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, com todo o meu coração. Porque sem Ele, absolutamente nada do que foi feito até aqui teria sido possível. Foi Ele quem me sustentou quando eu achei que não conseguiria continuar, quem me deu sabedoria quando tudo parecia confuso, e quem me cobriu com sua paz em meio aos momentos de ansiedade. Em cada saída de campo, em cada noite em claro, em cada lágrima derramada – Ele esteve lá. E continua.

À minha mãe, Vanusa Lima, que é, foi e sempre será o alicerce da minha existência. Ela é o meu começo, meu meio e meu sempre. Se este trabalho chegou ao fim, se eu consegui concluir essa etapa, foi porque ela me sustentou – com força, coragem, fé e amor. Por ser a minha maior inspiração, minha companheira de todas as horas, minha motivação diária. Sem ela, nenhum passo seria possível. Esse fotolivro também pertence à ela.

Ao meu namorado, Victor Marinho, meu porto seguro nesses quatro anos de graduação. Por não ser apenas apoio emocional, mas físico, prático, constante. Obrigada por estar nas viagens, na escolha das fotos, na diagramação, nos choros e nos silêncios. Por segurar minha mão com firmeza quando tudo parecia desabar, por me olhar com orgulho mesmo nos meus dias mais difíceis. Você foi fundamental, e eu reconheço isso com todo amor do mundo.

À minha vovó, Teresa, minha grajauense mais doce e fiel. Obrigada pelo amor calmo, pelas palavras certas, por todos abraços cheios de afeto. Por ser raiz, exemplo, ternura. Você me ensinou o valor da memória e da permanência, e sem você, talvez eu não compreendesse tão bem a importância de tudo o que tentei registrar neste fotolivro.

À minha orientadora, Yara Medeiros, que ultrapassou todas as barreiras do papel acadêmico. Foi professora, mentora, amiga, mãe e inspiração. Foi quem me apresentou os fotolivros e, mais do que isso, me mostrou que eu poderia criar um. Cada conceito presente neste trabalho tem sua raiz nos encontros do LOVE, nas orientações generosas e na confiança que você depositou em mim. Obrigada por ter feito morada nesse projeto comigo, jamais lhe esquecerei.

À minha amiga Débora. Sua presença é força, verdade e lealdade em meu caminho. Obrigada por me ensinar que a vida pode ser vencida, mesmo quando tudo parece contrário. Sempre com uma palavra direta, com um gesto firme e com um coração inteiro. Nos

momentos em que eu me sentia perdida, você me lembrava quem eu sou. A sua amizade me inspira, me fortalece e me ensina. Você me mostrou que a persistência é também uma forma de amar. Obrigada por ser parte de mim.

À minha amiga Maria Gabriela, por toda a sua doçura e calma por ser sempre tão sensível ao que sou. Você me ensinou que a amizade verdadeira também se revela nos pequenos gestos, na escuta atenta, no cuidado silencioso. A nós três — eu, Débora e Gabi — que nos encontramos na faculdade e nos tornamos parte umas das outras, levo vocês comigo para sempre.

À minha família, que é meu abrigo. Ao meu padrasto, Adriano, por acreditar desde sempre que eu me daria bem nessa área e nunca ter deixado de me incentivar. Ao Thor, à Loly, ao Skip e à Lily, meus bichinhos, por serem meus momentos de pausa, de risada, de leveza. Vocês também são parte da minha história. À minha sogra, Deusinha, que em todos esses anos, acolheu-me com amor, com carinho e com uma generosidade que nunca esquecerei. Obrigada por me fazer sentir parte da sua família, por tantas palavras sábias e por estar presente com o coração aberto nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha cidade, Grajaú, que é muito mais do que cenário: é personagem, é alma, é raiz. Obrigada por ser o que é, por me ensinar tanto e por viver nas imagens que captei com o coração aberto.

À Universidade Federal do Maranhão, por me formar não só como profissional, mas como ser humano. Aos professores que passaram pela minha vida acadêmica, deixo meu reconhecimento e meu carinho. À professora Rosana, obrigada por sua doçura, por acreditar em mim, por compartilhar materiais, tempo e acolhimento. À professora Nayane, por aceitar estar nesta banca, por sua sensibilidade e olhar afetuoso. À própria Yara, mais uma vez, por tudo o que representa — em mim e neste trabalho.

E por fim, agradeço à fotografia — essa linguagem que escolhi para contar o que me atravessa. Obrigada por ser ponte entre o que vejo e o que sinto, entre o que está fora e o que vive dentro. Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho consiste no relatório final de um fotolivro documental sobre a cidade de Grajaú, no Maranhão, que busca valorizar a memória coletiva e o cotidiano, diante da escassez de registros visuais da cidade e seus moradores. Para isso, adotou-se uma metodologia qualitativa, com abordagem etnográfica e observação participante, utilizando as técnicas da fotografia documental como principal meio de expressão. O processo envolveu imersão, escuta e criação de vínculos com moradores e espaços, priorizando a espontaneidade e naturalidade das rotinas. As imagens foram organizadas em sete capítulos, articulando elementos simbólicos da cidade: pontes, feiras, comunidades indígenas, praças, comércio, fé e gesso. As narrativas visuais sem legendas permitem uma leitura aberta e interpretativa. A opção estética pelo preto e branco reforça a dimensão afetiva e atemporal das fotografias. Dessa forma, o trabalho contribui para fortalecer a conexão dos moradores com sua própria narrativa, valorizando detalhes do cotidiano que constroem a identidade coletiva.

Palavras-chave: Fotografia documental; fotolivro; memória visual; município de Grajaú; Maranhão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Familiares fotografados durante a infância.....	14
Figura 2 Fotografia captura pela autora durante a infância.....	14
Figura 3 Acervo fotográfico de Grajaú (MA), encontrado no site oficial do IBGE.....	15
Figura 4 Mapa do Maranhão com destaque para o município de Grajaú.....	16
Figura 5 Layout da capa	21
Figura 6 Layout de abertura.	22
Figura 7 Layout da página de encerramento..	23
Figura 8: Processo de edição das fotografias no Adobe Lightroom.....	24
Figura 9: Processo de diagramação das fotografias no Adobe InDesing.....	24
Figura 10 : Layout das páginas com as legendas.....	25
Figura 11 Início do capítulo 01.....	28
Figura 12 Início do capítulo 02.....	29
Figura 13 Início do capítulo 03.....	30
Figura 14 Início do capítulo 04.....	31
Figura 15 Início do capítulo 05.....	32
Figura 16 Início do capítulo 06.....	33
Figura 17 Início do capítulo 07.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 METODOLOGIA.....	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
3.1 Fotojornalismo, fotodocumentarismo e fotolivros	23
3.2 A fotografia como forma de expressão	24
3.3 Cotidiano, memória e pertencimento.....	24
3.4 O olhar documental na construção estética.....	25
4 ESTRUTURA DO PRODUTO.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6 REFERÊNCIAS.....	27
7 ANEXOS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O ato de fotografar tem, entre seus diversos propósitos, o de trazer aos olhos uma revisitação de acontecimentos e momentos importantes, sejam eles familiares, profissionais, históricos ou pessoais. Fotografar é uma forma de preservar e, ao mesmo tempo, permitir que nos teletransportamos sem sair do lugar onde estamos. De acordo com Salgado (2014), as fotografias são frações de segundos que contam histórias completas. Sejam guardadas em uma caixa de álbuns antigos, exibida em um porta-retrato no interior de uma casa, armazenada em um pequeno escapulário carregado no pescoço ou até mesmo compartilhada virtualmente com os amigos.

Aliar a fotografia ao seu lado documental e atribuir um significado afetivo e humanizado a uma cidade considerada pouco protagonista foi com certeza um dos maiores desafios deste projeto. Diante de algumas pesquisas sobre Grajaú, a partir de um acervo fotográfico digital, feito no ano de 1959 pelo (IBGE), notei que mesmo após muitos anos os lugares permaneciam ali, historicamente em sua forma original, sem muitos registros que abordassem o presente deles. A partir da ausência de registros visuais afetivos sobre Grajaú, este trabalho busca responder: como construir uma narrativa fotográfica que valorize a memória coletiva e o cotidiano da cidade, aproximando os moradores de sua própria história?

Diante disso, o presente projeto tem como objetivo principal produzir um fotolivro documental que registre e valorize as memórias, o cotidiano, os espaços e os moradores de Grajaú-MA, promovendo uma narrativa visual sensível, afetiva e humanizada sobre a cidade. A escolha pelo cotidiano como ponto de partida se ancora na compreensão de que a fotografia pode resgatar o que é vivido e concreto em meio a um mundo marcado pela abstração e pelo excesso de imagens artificiais. Como afirma Rouillé (2009), fotografar o cotidiano pode surgir como um modo de reatar com o concreto, o tangível, o vivido, o uso.

Assim, ao voltar o olhar para as experiências diárias da cidade, este trabalho também busca resistir à predominância do “abstrato, do factício, do virtual, do alhures” (Rouillé 2009, p. 362), reafirmando a relevância do real, do próximo e do comum como expressão de memória e identidade.

A justificativa para este projeto é tanto pessoal quanto social. Do ponto de vista

individual, trata-se de um reencontro com as minhas próprias raízes e de um desejo de devolver à cidade um olhar construído com afeto e escuta. Pontuando acadêmica e socialmente, este fotolivro busca contribuir com a valorização da memória local, inserindo-se como referência ao jornalismo visual, narrativas fotográficas e memória coletiva. Segundo Kossoy (2001, p. 89):

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza”. Desse modo, este trabalho parte da fotografia como ferramenta de registro e resistência, ciente de que “a cena registrada na imagem não se repetirá jamais” (KOSSOY, 2001, p. 167).

Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a fotografia documental com abordagem afetiva, por meio de saídas de campo a pé realizadas em diferentes bairros de Grajaú, observação participante e contato direto com os moradores. O processo envolveu a escuta atenta das histórias locais, o registro fotográfico de cenas do cotidiano, sem alterar a rotina e a curadoria das imagens com base em critérios narrativos e emocionais. As fotografias selecionadas compõem um fotolivro que propõe uma leitura visual da cidade em um aspecto mais interpretativo, sem o uso imediato de legendas explicativas, permitindo que a interpretação das imagens aconteça de forma sensível e livre pelo espectador.

O primeiro capítulo apresenta as pontes como elementos de ligação física e simbólica. As pontes Pênsil e de Cimento, principais acessos ao centro da cidade, representam passagens entre tempos e modos de viver. Abaixo delas, o rio Grajaú surge como presença constante na paisagem urbana. Também estão presentes registros do bairro Trizidela, com suas ruas de pedras.

Já o segundo capítulo trata das feiras como espaços de convivência e identidade local. Realizadas aos sábados no Setor Rodoviário e aos domingos no bairro Canoeiro, as feiras são mais do que espaços de comércio: são encontros de pertencimento. O terceiro capítulo retrata as comunidades indígenas, com fotografias que buscam registrar aspectos de sua permanência e resistência diante da invisibilização histórica.

O quarto capítulo é dedicado às praças, vistas como centros de lazer e convivência. A energia das festividades juninas, especialmente o São João grajauense, é evidenciada como manifestação cultural tradicional. O quinto capítulo aborda o trabalho e a economia local, com registros de atividades informais, comércios de bairro e mercearias familiares, elementos que continuam sendo base do sustento de muitas famílias, mesmo diante do

avanço de grandes redes comerciais.

No sexto capítulo a fé e espiritualidade, entram com foco nos templos como espaços de acolhimento e encontro. As igrejas mantêm viva a religiosidade local e funcionam como suporte emocional da comunidade. O sétimo e último capítulo dá visibilidade ao mercado gesso, setor importante da economia local. As imagens mostram o ambiente de produção, os fornos, o pó branco característico do gesso, e, principalmente, os rostos dos trabalhadores. Em meio ao esforço físico e à rotina intensa, são registrados gestos de resistência, dignidade e vínculo com o trabalho.

2 METODOLOGIA

Para compreender os procedimentos adotados na realização deste projeto, é necessário retomar brevemente as etapas que antecederam a construção do fotolivro. O percurso metodológico envolveu decisões práticas e conceituais, que orientaram desde a escolha da abordagem fotográfica até a curadoria das imagens e organização da narrativa visual.

Durante a infância na mesma cidade em que este trabalho foi desenvolvido sob um olhar inocente e curioso observava os álbuns de família e fotografias presentes nos livros de história na escola e um questionamento vinha à cabeça “O que o fotógrafo sentia ao registrar aquela foto?”. Por meio de uma antiga Sony Cyber-shot que estava presente na família fotografava ainda pequena tudo que achava conveniente, os familiares e inclusive a mim mesma.



Figura 1: Arquivo pessoal



Figura 2: Arquivo pessoal

Somente durante o início da graduação em jornalismo, com a disciplina de

Fotojornalismo I, ministrada pelo professor Marcus Túlio, fui capaz de compreender que fotografar não era apenas clicar em um botão. É, na verdade, um ato abrangente e complexo, cheio de planos, ângulos, enquadramentos, técnicas fotográficas e, além disso, que abrangia um lado emocional, documental e narrativo.

A aproximação com os fotolivros veio por intermédio do Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa (LOVE), ao qual faço parte, ministrado pela professora Yara Medeiros, que veio a ser minha orientadora. Desde os primeiros encontros do LOVE, ela sempre trazia materiais para que os integrantes do grupo pudessem se inspirar e desenvolver o próprio processo criativo. A partir do vasto acervo que ela fornecia, encontrei um formato em especial: os fotolivros.

A escolha do tema deste projeto veio de um árduo caminho de indecisões por temáticas que tinham sua relevância, mas não preenchiam o meu chamado “100%”. Foi somente a partir de uma pesquisa no Google, tentando localizar uma notícia em um dos portais locais, que me deparei com um acervo de fotos antigas da cidade de Grajaú, localizada no sul do estado do Maranhão, feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Grajaú é a cidade onde passei toda a minha infância e, ao visualizar as fotos, notei que conhecia a maioria dos lugares. Muitos deles ainda estavam lá, em sua forma original.

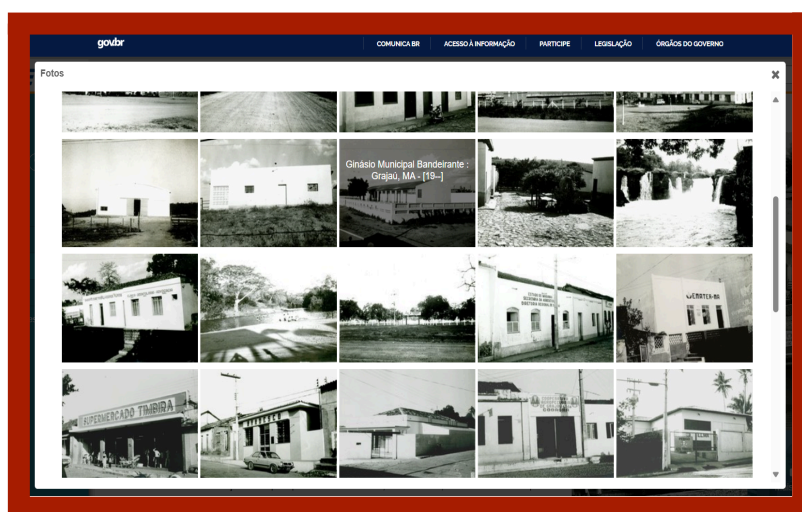
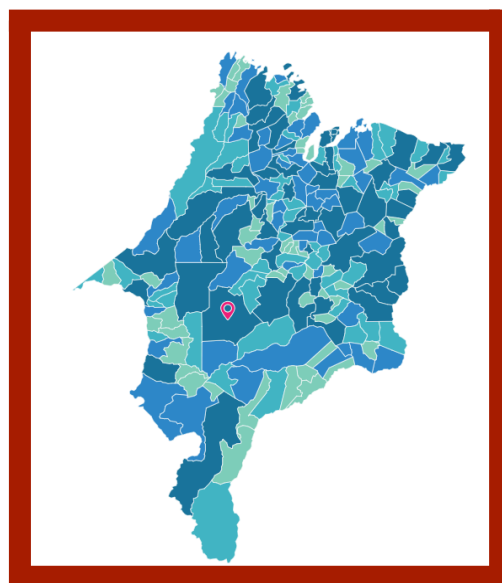


Figura 3: Captura de tela do acervo fotográfico da cidade de Grajaú (MA) Fonte: IBGE.

Localizada no sul do Maranhão, Grajaú abriga aproximadamente 73.872 habitantes de acordo com a estimativa populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021. É uma cidade que guarda, em seu território, histórias que dialogam com o

passado e o presente. No entanto, embora repleta de histórias e cultura, carece de registros que conectem seus moradores e visitantes à sua memória visual.

Figura 4: Mapa do Maranhão com destaque para o município de Grajaú. Fonte: IBGE.



A metodologia utilizada neste trabalho tem base qualitativa, com abordagem etnográfica e documental. A pesquisa foi realizada por meio de saídas a campo na cidade de Grajaú-MA, ao longo de sucessivas viagens, entre dezembro de 2024 e junho de 2025. Com o objetivo de observar, escutar e registrar aspectos do cotidiano e da memória de seus moradores, utilizando a fotografia como principal instrumento de expressão.

As imagens que compõem este fotolivro foram produzidas ao longo de visitas contínuas a locais escolhidos pela cidade, como feiras, bairros antigos, pontes e espaços de convivência. Durante as saídas a campo, foram realizadas observações diretas, escutas informais com os moradores e registros fotográficos. A produção das imagens envolveu o uso de diferentes planos fotográficos, com destaque para o primeiríssimo plano e o plano detalhe, utilizados para valorizar gestos, mãos, pés, expressões e elementos materiais do cotidiano. Além disso, recorreu-se ao plano geral, na captação de paisagens e espaços urbanos, como forma de contextualizar os sujeitos em seus territórios. O uso variado permitiu a criação de uma narrativa visual que articula aproximações simbólicas e espaciais.

A escolha por registrar cenas do cotidiano partiu da premissa de que a fotografia tem o poder de visibilizar o invisível e de revelar o valor simbólico daquilo que é frequentemente

ignorado. Como afirma Rouillé (2009, p. 40):

A fotografia faz viver mais: ela permite, sobretudo, enxergar coisas diferentes daquelas oferecidas pelo desenho: produz possibilidades, abre as coisas, extrai evidências inusitadas. A imagem, nesse sentido, não é apenas representação, mas uma forma de conhecimento e afeto (Rouillé, 2009, p. 40).

O trabalho de campo foi dividido em três fases: imersão, captação e retorno aos espaços já fotografados. As duas primeiras visitas à cidade foram dedicadas exclusivamente à escuta e observação. Não foram utilizadas câmeras nessas ocasiões. Caminhei a pé pelos bairros, observei o cotidiano da feira, das praças, das pontes, seguindo as singularidades de uma rotina grajauense.

A partir de janeiro de 2025, iniciei as fotografias com duas câmeras: uma Nikon D300 (cedida pela minha orientadora Yara Medeiros) e uma Canon T7 (Ludymilla). As imagens foram produzidas em mais de dez viagens à cidade, geralmente aos finais de semana, em trajetos feitos a pé, para ampliar o campo de observação e permitir a construção de relações mais próximas com o ambiente e com as pessoas retratadas. Durante o processo foram coletadas mais de 6.000 fotografias.

Os bairros Canoeiro, Trizidela, Setor Rodoviário, Centro e comunidades indígenas foram percorridos em horários diversos. Evitei, intencionalmente, reproduzir os mesmos pontos de vista já amplamente explorados. Como pontua Freeman (2012), a força narrativa da imagem depende da construção de uma sequência visual com ritmo, intenção e variação formal.

Os moradores fotografados foram abordados após a aceitação e apresentação do termo de imagem e áudio. A espontaneidade e o gesto natural foram os principais critérios de captação, para que ao fotografar, não interferisse no meio ou atividade que os grajauenses realizavam. Conforme duChemin (2017, p. 96), “as pessoas que fotografamos são almas livres, com vontade própria, e se pretendermos ser autênticos em nossa abordagem, o melhor que podemos fazer é nos curvar a essa vontade”.

O retorno constante aos espaços serviu como um recurso metodológico de imersão, escuta e construção de vínculos. Revisitar os territórios permitiu acompanhar a transformação dos ambientes e das rotinas, mas também criar confiança com os moradores fotografados, o que possibilitou registros mais naturais. Essa escolha se alinha à perspectiva de fotógrafos documentais que compreendem a repetição como ferramenta narrativa: ao insistir em voltar, o olhar se refina, as relações se aprofundam, e a narrativa visual ganha densidade.

Conforme aponta Salgado (2014), evoluir na construção de uma história exige tempo e persistência: é na repetição das idas e vindas que se desenvolve um entendimento mais

profundo do lugar e das pessoas. A lógica do “voltar” não é apenas geográfica, mas sentimental, é retornar ao afeto, àquilo que muitas vezes não é captado no primeiro encontro.

A organização das imagens em sete capítulos seguiu um processo curatorial guiado por critérios de coerência narrativa, mas também um processo individual de escolha ao qual cada imagem, mesmo que separada, consegue se sustentar sem depender das outras. O uso intencional do preto e branco dialoga com a proposta de destacar a atemporalidade do registro. Salgado (2014) aponta que essa escolha é uma forma de “mostrar a personalidade dos sujeitos e destacar sua dignidade”, além de promover uma conexão mais direta com o conteúdo simbólico da imagem.

As páginas do fotolivro não apresentam legendas. A ausência de textos explicativos é uma escolha metodológica e poética, que propõe uma interpretação aberta, pela qual o espectador é convidado a construir seu próprio percurso interpretativo. As informações técnicas e contextuais foram organizadas ao final da obra. Como aponta duChemin (2017), Algumas fotografias são mais poemas do que história e nos comovem de formas diferentes. Revelando que a imagem também está atrelada a emoção e sensibilidade

Após a seleção das imagens, procedeu-se à etapa de tratamento e organização visual do material fotográfico, com o objetivo de garantir uniformidade estética e coerência narrativa. Para isso, foram utilizados os softwares Adobe Lightroom e Adobe InDesign. No Lightroom, as fotografias selecionadas foram tratadas individualmente, respeitando as especificidades de cada imagem e buscando uma padronização visual compatível com a proposta estética do projeto.

Em seguida, as imagens foram organizadas por capítulos e diagramadas no InDesign, considerando aspectos como ritmo visual, disposição e identidade. Essa etapa visou estruturar o fotolivro como uma narrativa visual coesa, em diálogo com os temas centrais da pesquisa: memória, cotidiano e fotografia. O detalhamento técnico do projeto gráfico será apresentado na seção destinada à descrição do produto.

+

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Fotojornalismo, fotodocumentarismo e fotolivros

As práticas fotográficas voltadas ao seu lado documental assumem formas distintas conforme seus objetivos e seus contextos de produção. A distinção entre o fotojornalismo e o fotodocumentarismo é relevante para compreender a abordagem adotada no presente

fotolivro. O fotojornalismo, conforme Sousa (2002), está vinculado à cobertura de acontecimentos imediatos, frequentemente imprevistos, orientados pela lógica da atualidade e da notícia. Caracteriza-se por operar sob a pressão do tempo, com o objetivo de informar de forma direta e rápida, pelo qual o processo do fotógrafo tendo a ser mais mecanizado.

Em contrapartida, o fotodocumentarismo se apoia na construção de projetos mais autorais, permitindo uma aproximação mais sensível e contextualizada aos sujeitos e espaços fotografados. Trata-se de uma prática que busca interpretar e revelar aspectos profundos da realidade social, sem estar vinculada à urgência do presente. Sousa (2002, p. 9) afirma que, nesse campo, o fotógrafo parte de um estudo prévio do tema e trabalha de maneira planejada, com liberdade para desenvolver narrativas visuais intemporais, comprometidas com a complexidade dos acontecimentos e suas repercussões na vida cotidiana.

O fotolivro se consolida como uma forma de expressão autoral e autônoma, que vai além da função expositiva. Conforme aponta Ramos (2017), os fotolivros funcionam como obra – especialmente no caso dos livros artísticos e fotográficos – e como projeto específico de um autor-produtor. Tratam-se de objetos editoriais que possuem vida própria, não sendo apêndices de exposições, antologias ou portfólios. Sua estrutura narrativa, concebida visualmente, ultrapassa a organização linear e expositiva das imagens, permitindo a construção de sentidos por meio de relações entre fotografias, ritmo de páginas, diagramação e materialidade do livro.

3.2 A fotografia como forma de expressão

A fotografia, mais do que um registro visual, constitui-se como linguagem e forma de conhecimento. Não só captura o real, mas também o interpreta, reconstrói e ressignifica. No contexto deste trabalho, a fotografia é compreendida como um meio de expressão afetiva, que permite ao observador acessar camadas subjetivas da experiência vivida. Como afirma Rouillé (2009), “a fotografia faz viver mais: ela permite, sobretudo, enxergar coisas diferentes daquelas oferecidas pelo desenho: produz possibilidades, abre as coisas, extrai evidências inusitadas”. O momento capturado, portanto, torna-se um instrumento de revitalização do invisível e protagoniza aquilo que é constantemente ignorado.

Essa compreensão se conecta ao percurso pessoal e afetivo deste trabalho. Em Grajaú, a fotografia assume a função de reconectar-se ao passado e ao mesmo tempo valorizar o cotidiano, as pessoas, os espaços e as relações. Em um contexto projetual não carrega apenas um valor estético, mas afetivo e memorialístico. Conforme duChemin (2017), sem um espírito e um coração disposto a expressar algo, toda a linguagem do mundo resulta em nada. Fotografar, nesse caso, é também sentir e devolver aquilo que se viveu e através das imagens

propor aos que recebem uma oportunidade de perceber Grajaú.

O fotolivro, enquanto dispositivo de linguagem, constitui uma forma de narrativa visual. Ele permite organizar fotografias em sequências que contam uma história, ainda que essa história não seja linear ou textual. O fotolivro possui ritmo, pausa, intenção, silêncio e revelações visuais que se articulam a partir de uma curadoria precisa. Segundo Freeman (2012), a força narrativa de uma imagem está em sua relação com outras imagens, construindo sequências visuais com coerência, variação e intenção formal.

O trabalho aqui desenvolvido estruturou-se a partir dessa compreensão, buscando, através dos sete capítulos temáticos, criar uma narrativa sensível e interpretativa sobre Grajaú. A escolha por não utilizar legendas nas páginas principais reforça essa proposta de leitura livre, convidando o espectador a construir seus próprios sentidos. Como aponta Harazim (2016, p. 9), a fotografia é “uma viagem sem roteiro, cujo destino final será sempre uma vinheta da vida e seus solavancos”.

3.3 Cotidiano, memória e pertencimento

A escolha pelo cotidiano como foco central deste trabalho parte da compreensão de que é nele que se manifestam as relações mais genuínas com o espaço, a identidade e a memória. Kossoy (2001, p. 89) afirma que “o fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza”.

Nesse sentido, a fotografia documental com abordagem afetiva surge como ferramenta de resistência à invisibilização. Ao registrar feiras, praças, comunidades, igrejas e trabalhadores, este trabalho busca protagonizar o cotidiano. Rouillé (2009, p. 362) complementa: “fotografar o cotidiano pode surgir como um modo de reatar com o concreto, o tangível, o vivido, o uso”.

Essa perspectiva também dialoga com a proposta de Erivan Moraes e Ari Vicentini (2020, p. 71), que ao tratarem da fotografia documental, destacam a importância da sensibilidade na captação das imagens: “é necessário transferir à imagem toda a sensibilidade do autor, imaginando como o receptor reagirá àquela cena”. Sem interferir nos modos de vida expostos diante da lente.

3.4 O olhar documental na construção estética

A opção pelo preto e branco, a escolha dos planos e a edição cuidadosa das imagens compõem uma estética coerente com a proposta documental e afetiva do trabalho. Salgado (2014) defende que o preto e branco é uma abstração que permite destacar a dignidade dos sujeitos e aproximar-se de sua essência.

Em conformidade, duChemin (2017) enfatiza que a forma como editamos e escolhemos imagens revela tanto quanto o momento do clique. Por isso, a edição foi realizada com a mesma sensibilidade da captação, buscando coerência, ritmo e profundidade. A organização dos capítulos não apenas tematiza, mas também estrutura uma narrativa visual capaz de evocar memórias e sensações.

Como pontua Freeman (2014, p. 76), “em princípio, uma narrativa sobre um lugar pede uma pesquisa prévia, ao menos para fotografias de lugares mais conhecidos e seus atrativos, mas a chave para compor esse tipo de narrativa é capturar a personalidade do lugar, sua essência, para depois passar um tempo procurando os detalhes”. Assim, o olhar documental aqui proposto é também um olhar afetivo, que não se distancia do objeto, mas o envolve com cuidado, respeito e escuta. A fotografia, nesse sentido, deixa de ser apenas instrumento e se torna linguagem, encontro e construção de sentido.

Nesse processo de construção visual e afetiva, a memória surge como uma dimensão indispensável. Como analisa Halbwachs (1990, p. 51), a memória coletiva é constituída a partir de múltiplas memórias individuais que se entrelaçam, sendo cada uma delas “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. As imagens que compõem este fotolivro não representam apenas registros isolados, mas evocam lembranças compartilhadas, sensações comunitárias e marcas de um tempo vivido em conjunto.

4 ESTRUTURA DO PRODUTO

A estrutura do fotolivro “Terra: cotidiano e memória em fotografias de Grajaú” foi concebida com o propósito de proporcionar uma experiência visual e narrativa que conduz o espectador a uma imersão no cotidiano e na memória da cidade de Grajaú, articulando de maneira sensível elementos sociais e territoriais. Para tanto, optou-se por uma organização em capítulos, cada um sintetizado em uma palavra-chave que funciona como um ponto de partida temático, estimulando a reflexão e oferecendo uma leitura orientada, mas aberta, sobre os múltiplos aspectos da realidade retratada.



Figura 5 – Layout da capa

A escolha da capa do fotolivro foi orientada pelo desejo de representar visualmente a singularidade histórica e afetiva de Grajaú. Para isso, foi selecionada uma fotografia da Rua Barbosa, situada no bairro Trizidela, um dos mais antigos da cidade. Reconhecido por suas ruas de pedras e por seu caráter tradicional, o bairro guarda em sua paisagem marcas do tempo e da vivência cotidiana de seus moradores.

Cada capítulo inicia-se com uma fotografia ao lado esquerdo, estrategicamente escolhida para atuar como um convite visual ao conteúdo que se segue. Essas imagens introdutórias são apresentadas predominantemente em formato paisagem, assim como 90% do livro, capaz de situar o leitor espacialmente e simbolicamente em Grajaú. Essa decisão estética reforça a representação documental, assim como emoções e sentidos.

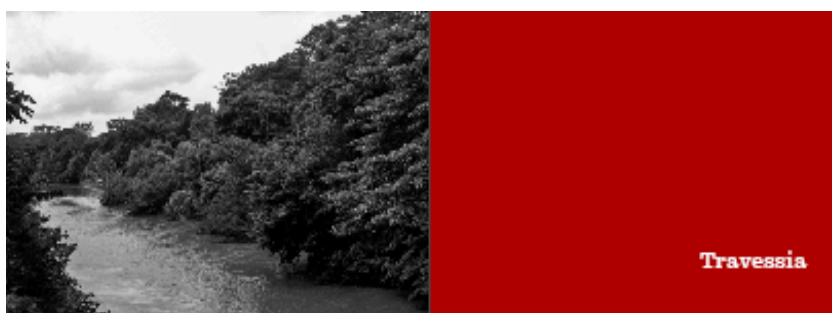


Figura 6 – Layout de abertura

A seleção das fotografias para o conjunto do fotolivro foi orientada por uma narrativa que simula o percurso de um visitante atravessando a Ponte Pênsil. Essa metáfora de trânsito e

chegada permite organizar o material fotográfico de modo a guiar o olhar do espectador por um caminho que dialoga com a experiência vivida pelos moradores, revelando os detalhes e as paisagens que se desdobram ao longo desse trajeto. Assim, o fotolivro não é apenas uma coleção de imagens, mas uma viagem visual que promove uma imersão sensível e crítica no espaço social de Grajaú.

A culminância dessa trajetória é representada pela última fotografia, que expressa o momento de contemplação e repouso ao final de um dia de trabalho, simbolizando o encontro com a sensação de descanso e pertencimento. Essa imagem final funciona como um fechamento afetivo do livro, assemelhando-se ao ato de fechar um álbum familiar, um gesto que marca a preservação da memória e a continuidade das histórias



Figura 7 - Layout da página de encerramento

No processo de diagramação, houve uma atenção especial à diversidade e equilíbrio entre os diferentes planos fotográficos — desde o plano geral, que contextualiza o espaço, até o plano detalhe, que destaca aspectos mais específicos dos moradores. Essa variação de enquadramentos potencializa a construção de uma narrativa plural, capaz de abranger tanto a presença humana quanto os elementos naturais.

A escolha tipográfica também dialoga com essa proposta. A fonte Clarendon Bold foi selecionada para os títulos por seu caráter tradicional e robusto, remetendo a uma sensação de historicidade e permanência, que reforça o aspecto memorial da obra. Já para os textos corridos e legendas, utilizou-se a fonte Avenir Light, que privilegia a clareza e a legibilidade, assegurando que a leitura acompanhe o ritmo visual sem competir com o protagonismo das imagens.

Essa composição gráfica e textual promove um diálogo intrínseco com os objetivos da pesquisa, pois permite que cada página do fotolivro possa ser interpretada de forma autônoma, enquanto, simultaneamente, integra-se a uma narrativa maior. Cada fotografia funciona como

um fragmento, contando sua própria história e enriquecendo a experiência do leitor por meio de uma rede de significados interligados.

Para a produção das imagens, utilizou-se o pacote Adobe Creative Cloud, com assinatura ativa, empregando principalmente os softwares Adobe Lightroom e Adobe InDesign, que permitiram um controle preciso do tratamento fotográfico e da diagramação editorial. No Adobe Lightroom, todas as fotografias selecionadas foram tratadas individualmente, com ajustes específicos para cada imagem.

Esses ajustes contemplaram a conversão para preto e branco (P&B), a correção e equilíbrio dos tons (balanço de pretos e brancos), a exposição, o contraste, as sombras e outros parâmetros técnicos essenciais para garantir uniformidade estética e expressividade visual. Inicialmente, o esboço do projeto foi montado nos programas Photopea e Canva, como parte do processo exploratório de composição visual. A diagramação final e definitiva do fotolivro foi realizada no Adobe InDesign, estruturada em capítulos que organizam o conteúdo em blocos temáticos coerentes, facilitando a leitura visual e a construção progressiva da narrativa. No primeiro momento o esboço foi montado no photopea e canva e depois

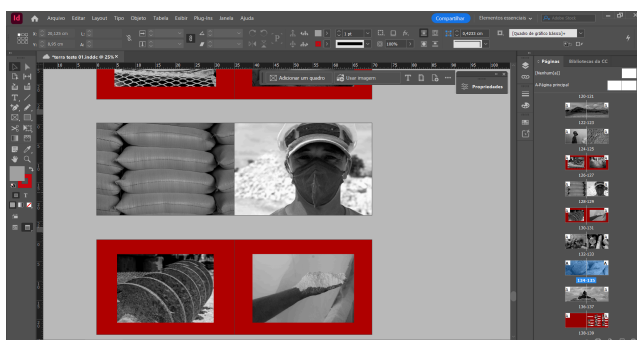


Figura 8: Processo de edição das fotografias no Adobe Lightroom.



Figura 9: Processo de diagramação do fotolivro no Adobe InDesign.

O formato físico fechado adotado foi de 24cm de altura por 32cm de largura, dimensões que valorizam a presença e o impacto das imagens, permitindo ampla visualização dos detalhes e das composições. O fotolivro possui um total de 148 páginas com 115 fotografias. Um elemento visual importante na identidade gráfica do fotolivro é a escolha da cor aplicada nas páginas, codificada em CMYK como C=15, M=100, Y=100, K=0 e das imagens completas que sangram nas páginas para auxiliar a imersão. Esta tonalidade remete à cor avermelhada do barro, usado no território e na paisagem de Grajaú. Essa cor contribui para o diálogo visual entre o conteúdo das fotografias e o projeto editorial, reforçando o vínculo entre imagem, memória e cotidiano.

A decisão de posicionar as legendas das fotografias ao final do fotolivro partiu do desejo de proporcionar ao espectador uma experiência de fluidez mais livre e sensível. Ao evitar textos explicativos junto às imagens, busca-se estimular uma leitura visual aberta, que permita múltiplas interpretações e conexões afetivas.

No encerramento do fotolivro, as legendas aparecem acompanhadas de miniaturas das respectivas imagens, funcionando como um guia sutil para os olhares mais curiosos. Essa organização visa equilibrar a liberdade de percepção com a oferta de informações complementares, respeitando o tempo de cada leitor e valorizando a autonomia interpretativa diante de cada fotografia.



Figura 10 : Layout das páginas com as legendas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu do desejo de olhar para Grajaú com mais do que os olhos: com escuta, presença e afeto. Ao longo de meses de imersão, caminhadas, diálogos e registros, foi possível construir um fotolivro capaz de sustentar seu caráter técnico, mas também projetar

uma narrativa visual que busca devolver à cidade e aos seus moradores um retrato que não cabe em molduras tradicionais, pois está vivo nas ruas, nos gestos, nas feiras, no gesso, nas pontes, na fé e nas interpretações.

A proposta de documentar o cotidiano e a memória de Grajaú a partir da fotografia afetiva permitiu não apenas produzir um objeto estético, mas sobretudo construir uma experiência de reencontro com as próprias origens. O processo metodológico – ancorado em abordagens qualitativas, etnográficas e sensíveis – garantiu que o fotolivro se desenvolvesse com respeito, escuta, valorizando o tempo das pessoas, a importância dos territórios e a dignidade dos sujeitos fotografados.

Do ponto de vista técnico, o uso intencional do preto e branco, a diversidade de planos fotográficos e a organização das imagens em capítulos temáticos contribuíram para compor uma narrativa que privilegia a interpretação livre do espectador. A ausência de legendas nas páginas principais não representa uma lacuna, mas um convite: que cada pessoa que abra este livro possa também se encontrar nele, se emocionar, criar suas próprias memórias e leituras. Em um mundo saturado de imagens velozes e descartáveis, este trabalho defende a potência do tempo, do cuidado e da permanência.

Além da materialidade física do fotolivro, o projeto pretende futuramente contemplar uma dimensão digital, ampliando seu alcance e seu potencial de permanência. As imagens selecionadas em sua versão colorida serão disponibilizadas em um perfil no Instagram, intitulado (@meugrajaú), que atuará como um arquivo contemporâneo da pesquisa visual. O que assegura a continuidade da difusão das imagens, mas também propicia uma interação mais ampla com o público, promovendo o reconhecimento e valorização da cidade.

Contribuí, assim, com o campo do jornalismo visual e das narrativas fotográficas, propondo uma estética alinhada à aproximação e ao pertencimento. E, ao mesmo tempo, cumpre um papel pessoal e coletivo: transformar em imagem o que, por vezes, passa despercebido valorizando seus espaços, histórias e pessoas com o olhar atento de quem pertence e se importa.

Finalizo este percurso com gratidão às pessoas que me permitiram entrar em suas casas, conversar com seus pais, filhos, familiares e registrar seus instantes. Este trabalho é também delas. É, acima de tudo, uma carta visual de amor à terra que me formou e à fotografia, que me permitiu reencontrá-la com novos olhos.

REFERÊNCIAS

HARAZIM, Dorrit. **O instante certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DUCHEMIN, David. A alma da fotografia: o fotógrafo como artista criador. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

FELDHUES RAMOS, Marina. **Conhecer fotolivros: (in)definições, histórias e processos de produção**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FREEMAN, Michael. **A narrativa fotográfica: A arte de criar ensaios e reportagens visuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, Boris. Fotografia & história. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MORAES, Erivan; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PERES, Carolina. **O corpo, a câmera e o ato de fotografar**” Revista Imagofagia, n. 12, Buenos Aires, 2015.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra**. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama municipal: Grajaú (MA)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/panorama>. Acesso em: 5 jul. 2025



Figura 11: Início do capítulo 01



Figura 12: Início do capítulo 02

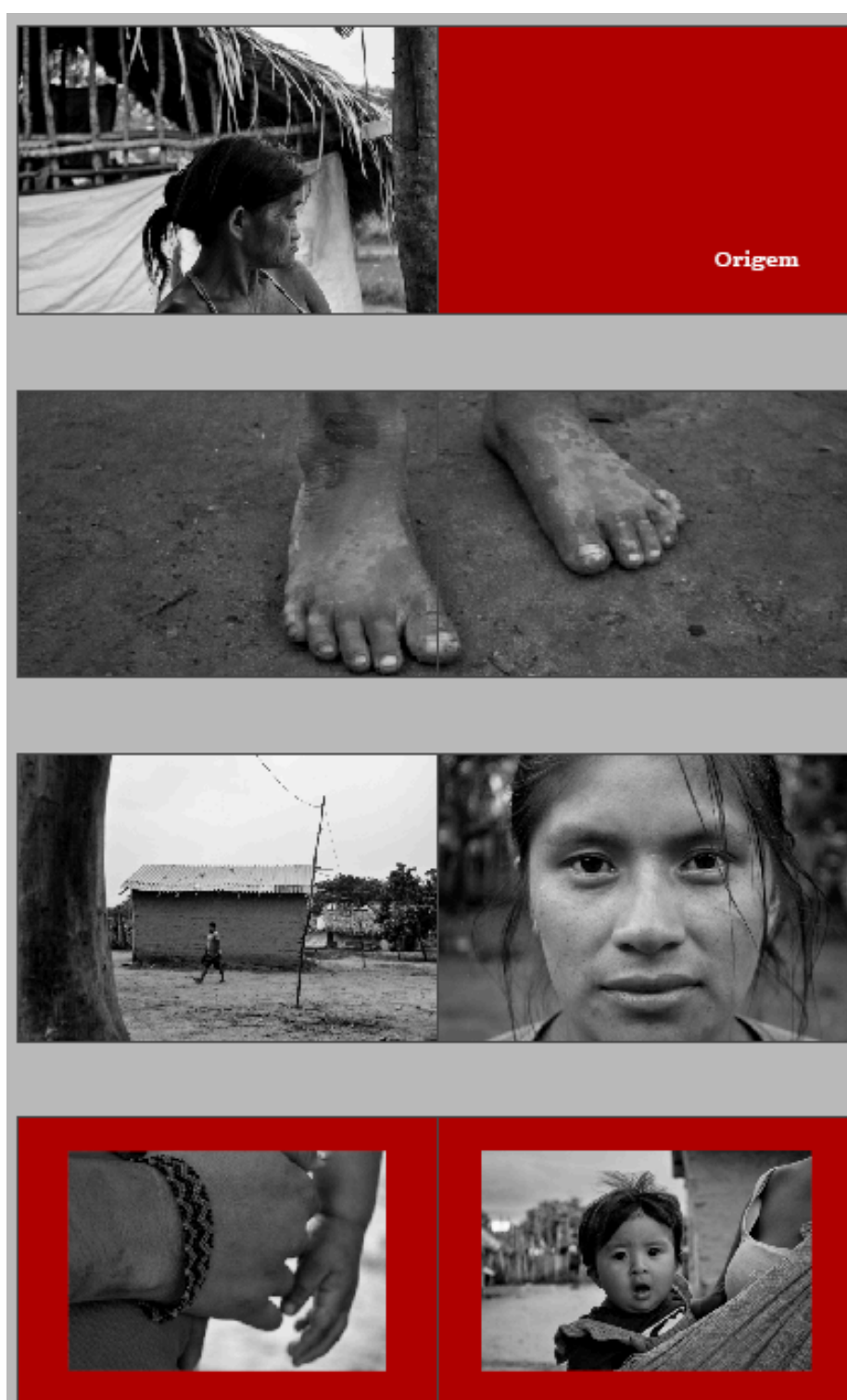


Figura 13: Início do capítulo 03



Figura 14: Início do capítulo 04



Figura 15: Início do capítulo 05



Figura 16: Início do capítulo 06



Figura 17: Início do capítulo 07